



# Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes  
(Organizadora)

# Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Karine de Lima

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /  
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;  
v.3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-071-1

DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.  
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

*Angela Maria Gomes*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925011</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925012</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925013</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925014</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>37</b>
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925015</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925016</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>58</b>
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925017</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925018</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7111925019</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>93</b>
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>108</b>
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>119</b>
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>129</b>
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>156</b>
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marli Tereza Furtado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250115</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>165</b>
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>176</b>
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>199</b>
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250119</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250120</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>226</b>
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250121</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>238</b>
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250122</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>246</b>
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71119250123</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>258</b>

## O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”

**Láis Gumier Schimith**

Universidade Federal da Paraíba – Campus I  
João Pessoa - Paraíba

**Priscila Paschoalino Ribeiro**

Universidade do Estado de Minas Gerais –  
Campus Ubá  
Ubá - Minas Gerais

**RESUMO:** A degradação ambiental é um objeto de reflexão da sociedade que está presente nas obras literárias. A leitura de tais histórias agrega saberes e fomenta mudanças para o alcance de uma sociedade mais sustentável. Com intuito de se problematizar os ensinamentos sobre Educação Ambiental que podem ser assimilados nesse material, realizou-se a análise de “A história do João-de-barro”, de Priscilla de Paula. A mensagem principal da obra centra-se nas consequências do desmatamento, cuja abordagem se inicia a partir da destruição da floresta onde João-de-barro habitava. A articulação das linguagens visual e verbal enriquece as possibilidades de sensibilização das crianças acerca dos efeitos da ação antrópica sobre o meio ambiente. As ilustrações ocupam a maior parte das páginas e captam os principais momentos do texto escrito. São cruciais para suscitar emoções, atuando na produção de sentidos através do uso de cores que transmitem sensações positivas e negativas

conforme o desenvolvimento da narrativa. O livro representa uma ferramenta eficaz para estimular a adoção de comportamentos responsáveis perante o meio ambiente, além de despertar reflexões acerca da consequência da interferência humana no equilíbrio ecológico. **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Infância; Desenvolvimento ecológico-moral.

**ABSTRACT:** The environmental degradation is an object of society’s reflection that is frequent in Literature. Reading such stories aggregates knowledge and fosters change for sustainable society. In order to problematize the teachings on Environmental Education that can be assimilated, “A história do João-de-barro”, by Priscilla de Paula, has been analysed. The main message of the book focuses on the consequences of deforestation, whose approach starts from the destruction of the forest where João-de-barro lived. The articulation of visual and verbal language enriches the possibilities of sensitizing the children about anthropic effects on environment. The drawings occupy most of the pages and captures the main moments of the written text. They are crucial to arouse emotions, acting in the production of meanings through the use of colors that transmit positive and negative sensations as the narrative development. The book represents an effective tool to stimulate responsible behaviors in



face of environment, besides waking up reflections about consequences of human interventions in ecological balance.

**KEYWORDS:** Literature; Childhood; Ecological-moral development.

## 1 | INTRODUÇÃO

A ampliação da complexidade, frequência e magnitude do impacto humano na natureza nos últimos séculos se deve, principalmente, aos avanços na tecnologia, ao crescimento elevado dos níveis populacionais e ao aumento geral no consumo per capita (GOUDIE, 2013). A consciência dos efeitos da interferência humana expandiu-se, sobretudo a partir do século XX, quando se tornaram perceptíveis e notórios o aquecimento global, os níveis de poluição, bem como a extinção de várias espécies animais e vegetais. Hoje há uma crise ambiental complexa e multidimensional, a qual abrange esferas políticas, sociais, intelectuais, culturais, econômicas, morais, éticas e legais (ALBUQUERQUE, 2007; CARVALHO, 2006).

Para modificar esse quadro de degradação ambiental e impedir seu agravamento, é imperativa a necessidade de firmar uma relação diferente entre o homem e a natureza (LAYRARGUES, 2006). A Educação Ambiental (EA) representa uma forma de se atender o caráter multifacetário da problemática ambiental e promover a adoção de novos hábitos e atitudes. Carvalho (2006, p. 52) a considera como uma prática de sensibilização com potencial para “chamar a atenção para a finitude e a má distribuição no acesso aos recursos naturais e envolver cidadãos em ações sociais ambientalmente apropriadas”.

Reigota (2012) preconiza uma EA ligada à ampliação da participação política dos cidadãos, de maneira a promover a busca pela consolidação da democracia, pela resolução da problemática ambiental assim como pelo estabelecimento de uma sociedade mais harmônica, equitativa e com melhores condições de vida. Espera que a partir da EA seja firmada uma nova aliança entre o ser humano e a natureza bem como entre os próprios seres humanos, proporcionando a qualquer espécie biológica a convivência e sobrevivência com dignidade. Seguindo esta linha de pensamento, a EA é direcionada para a formação de cidadãos conscientes, capazes de “tomar algumas decisões que possam contribuir positivamente para se construir uma sociedade mais sustentável, pensando no seu meio, e que ajam em coletividade” (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014).

Carvalho (2006, p. 180) ressalta que inúmeras atividades de EA transmitem “uma série de procedimentos ambientalmente corretos. Mas isso nem sempre garante a formação de uma atitude ecológica, isto é, de um sistema de valores sobre como relacionar-se com o ambiente”. Posto isto, é preciso investir em uma EA significativa com viés de uma prática transformadora que leve a uma formação sólida de sujeitos conscientes e comprometidos com os cuidados que devem ser adotados em relação

ao meio ambiente (CARVALHO, 2006; GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014).

Para Figueira, Campos e Santana (2001), estratégias de formação realizadas com antecedência no desenvolvimento humano são as mais eficazes para se alcançar isso. A infância é apropriada para a obtenção de comportamentos responsáveis perante o meio ambiente pois, quanto “mais cedo a criança vivencia experiências que estimulem o respeito, a harmonia e o amor pelo meio ambiente, melhores adultos estarão sendo formados, capazes de transformar e modificar o mundo em que estão inseridos” (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014, p. 3882). Portanto, a criança deve ser tratada como agente social, capaz de empreender mudanças.

Neste sentido, a Literatura Infantil pode fornecer uma ótica inovadora e distinta dos discursos pragmáticos ou teóricos (TAVARES, 2010), constituindo uma ferramenta promissora e de profunda repercussão na sensibilização ecológica das crianças, necessária à EA. Há diversos tipos de histórias que versam sobre a poluição, o uso de recursos naturais, a defesa dos animais e da vegetação e a conquista de espaços urbanos mais harmoniosos. Tais obras perpetuam a vontade de atingir um equilíbrio deserdado pelo progresso tecnológico e pelo crescimento urbano desenfreado (COELHO; SANTANA, 1996). A EA é apresentada como uma área do saber composta e permeada pela cultura, o que permite o uso da Literatura Infantil como intermediária de um trabalho dentro dessa perspectiva.

Entendendo a Literatura como uma das formas através das quais os sujeitos transmitem e (re)(des)constroem suas representações de mundo, e tendo em vista a necessidade de reflexão frente às questões ambientais, desenvolveu-se o estudo do livro “A História do João-de-Barro”, de Priscilla de Paula. Com o intuito de compreender a abordagem dos conflitos ligados à temática ambiental, foram problematizados os ensinamentos acerca da EA encontrados nesta obra, partindo-se da concepção de Literatura Infantil enquanto artefato cultural e produtor de saberes. Este trabalho visa demonstrar o grande potencial dos livros infantis em apontar condutas, dicas e lições a serem seguidas para alcançar uma sociedade mais sustentável.

## 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao se considerarem as grandes obras estabelecidas como Literatura Infantil, observa-se que pertencem a duas áreas distintas: Arte e Pedagogia.

Sob esse aspecto, podemos dizer que, como ‘objeto’ que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo ‘modifica’ a consciência-de-mundo de seu leitor, a Literatura Infantil é Arte. Por outro lado, como ‘instrumento’ manipulado por uma intenção ‘educativa’, ela se inscreve na área da Pedagogia. Entre os dois extremos há uma variedade enorme de tipos de literatura, onde as duas intenções (divertir e ensinar) estão sempre presentes, embora em doses diferentes. O rótulo ‘literatura infantil’ abarca, assim, modalidades bem distintas de textos: desde os contos de fadas, fábulas, contos maravilhosos, lendas, estórias do cotidiano... até biografias

Dialogando mais com o universo literário ou então com o pedagógico, de um modo geral, as histórias infantis envolvem uma cultura infinita de temas interligados, tais como a ciência, história e ética. Assim, sua leitura deve ser vista como uma questão pedagógica, linguística e social (LINSINGEN, 2008).

A Literatura Infantil exhibe o potencial de instigar o imaginário e estimular o desenvolvimento da criatividade e sensibilidade, ultrapassando as maneiras de conhecer e fazer (ABRAMOVICH, 1991). O psicanalista Walter Boechat afirma que a fantasia é benéfica para a criança lidar com o ambiente ao seu redor, bem como em outros momentos da vida, pois o homem criativo é aquele que fantasiou quando criança (DOMINGUES; FREITAS, 2012). Por exemplo, Alberto Santos Dumont (1873-1932) era ávido leitor de Júlio Verne, seu autor preferido, sendo reconhecida a importância das obras para estimularem sua imaginação, fascinando-o desde a infância e influenciando sua vocação de inventor. Ao se propor a conservação do meio ambiente às crianças,

estamos sugerindo que podemos superar as inúmeras ameaças que nosso próprio modo de viver vem provocando ao planeta e a nós mesmos. E, até hoje, não surgiu melhor combustível para a imaginação do que as histórias, a Literatura. Creio ser por isso, que, instintivamente, em todas as culturas, nos dedicamos a contar histórias às crianças desde a primeira infância: para alimentar sua imaginação, para humanizá-las e torná-las capazes de transformar o mundo (HETZEL, 2001, p. 39).

Os discursos em prol da preservação do meio ambiente sofreram uma massificação de tal forma que perderam seu sentido e conteúdo. Ademais, a maneira como são disseminados dados e informações sobre a problemática ambiental pode assustar ou gerar desinteresse. Como resultado disto, é possível que crianças que nasceram em uma época que dissemina o ser “ecologicamente correto” podem apresentar comportamentos diferentes à conservação do meio ambiente, por causa da alienação de seu significado ou pela ausência de expectativa de mudança e solução de todo o problema, diante de sua gravidade (HETZEL, 2001). Sob este aspecto, a Literatura Infantil pode fornecer a leveza exigida a fim de instigar o leitor para imaginar formas de superar a problemática ambiental, devido à abordagem dessa questão por meio de histórias divertidas, com elementos ficcionais e um caráter lúdico, imaginário e de entretenimento (FIGUEIRA; CAMPOS; SANTANA, 2001). Desde seu surgimento, a Literatura parece estar ligada à função básica de

atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou ações, e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem. [...] O impulso para ‘ler’, para observar e compreender o espaço em que vive e os seres e coisas que convive, é condição básica do ser humano. Desde que a inteligência

humana teve condições para organizar, em conjunto coerente, as formas e situações enfrentadas pelos homens em seu dia-a-dia, estes foram impelidos a registrar, em algo durável, aquelas experiências fugazes. A descoberta da arte das cavernas, de há 12 ou 15 mil anos atrás, feita por arqueólogos, mostra, de maneira inequívoca, este impulso essencial que leva o homem a expressar através de uma forma (realista ou alegórica) suas experiências de vida. Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a Literatura foi o seu principal veículo. **Literatura oral ou Literatura escrita** foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados. É no sentido dessa transformação necessária e essencial [...] que vemos a Literatura Infantil o agente ideal para a formação da nova mentalidade que se faz urgente (COELHO, 1991, p. 15, grifo do autor).

A leitura é um processo complexo que serve de veículo para a autoafirmação do indivíduo, pois interfere na consolidação de sua estrutura psíquica, intelectual e emocional. O leitor se torna mais livre para tomar decisões, tecer críticas, definir sua posição, enfim, exercer um papel que o acentue como sujeito (COSTA, 2008; ZILBERMAN, 1990).

Dentro do processo de identificação com o leitor, a literatura infantil é um dos muitos objetos que em sua comunicação com o indivíduo se apresenta carregada por elementos atuantes diretamente nos traços sócio-históricos, políticos e culturais vigentes em uma sociedade. Essa atuação permeia os valores necessários para a construção da identidade do sujeito direcionando ao conjunto de ideias e valores propostos socialmente (SILVA; ARAUJO; PIASSI, 2014, p. 6).

Nessa perspectiva, a Literatura Infantil, além de educar, instruir e divertir, contribui valorosamente na construção de adultos pensantes e críticos. Coelho e Santana (1996) afirmam que tais histórias propiciam tanto a obtenção de conhecimentos, como de valores. Também moldam e modelam a personalidade de seu leitor, que adquire gradualmente níveis de sensibilização e empenhamento pertinentes para uma ação participativa em prol do meio ambiente. Exatamente por atuar no espaço interior do indivíduo e, conseqüentemente, na formação de sua consciência de mundo, a Literatura contém os pressupostos almejados pela EA. Esta, por sua vez, constitui um movimento voltado para a transformação social, que busca conscientizar os indivíduos sobre sua corresponsabilidade no desenvolvimento de um ambiente equilibrado.

A EA pode transmitir ao ser humano informações e conhecimentos básicos “para a compreensão da complexa gama de conexões que regem o meio ambiente, tanto os aspectos bióticos e abióticos, físicos, químicos, biológicos, quanto os sociais, políticos, econômicos, culturais” (CORRÊA; OLIVEIRA; CRUZ, 2015, p. 6). Sua realização pressupõe “que haja uma prática baseada na reflexão/ação, onde se deve pensar a natureza estando dentro de um sistema ecossocial, pois todos os indivíduos estão envolvidos de uma maneira ou outra em questões ambientais” (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014, p. 3884).

A criança passa por diferentes fases que orientam a aquisição de conhecimentos, valores e sentimentos e acarretam a constituição de sua personalidade. Assim, é indispensável que entre em contato com leituras que veiculem valores ou padrões ideais, para que conheça e consiga atuar um dia em sua realidade. Também deve ser mostrada a responsabilidade de cada um em fazer sua parte para conquistar uma sociedade melhor (TAVARES, 2010). Para tal, as crianças devem passar por experiências enriquecedoras, que favoreçam “a elaboração de concepções em relação a como usufruir dos recursos oferecidos pela natureza, criando assim um novo modelo de comportamento, buscando equilíbrio entre o homem e o ambiente” (GRZEBIELUKA; KUBIAK; SCHILLER, 2014, p. 3889). É necessário aproveitar este recurso, que pode servir para transmitir ideias, valores e preocupações com o meio ambiente, atendendo, dessa forma, os preceitos da EA de agir na formação cidadã e, por consequência, o estabelecimento de uma nova relação entre homem e meio ambiente (COELHO; SANTANA, 1996; TAVARES, 2010).

### 3 | METODOLOGIA

A partir das informações e concepções de autores que se debruçam sobre os campos de saber da Educação e da Educação Ambiental, foram problematizados os discursos que reverberam modos de agir em relação ao ambiente na obra *A história do João-de-barro*. Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico em três áreas principais: Educação Ambiental; Literatura e Literatura infantil; Análise de imagens. O material trabalhado compreende livros, artigos científicos, monografias, teses, dissertações e obras relacionados a estas temáticas.

Para Candido (2000, p. 18), do ponto de vista sociológico, obra, autor e público compõem uma tríade indissolúvel, uma vez que a literatura, na qualidade de produção artística, constitui “um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três”. Além disso,

na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como alguém para quem se exprime algo), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bitransitivo por excelência (CANDIDO, 2000, p. 21).

Dessa forma, ao se estudar uma produção artística na qual a literatura está incluída, observa-se que há um movimento dialético que abrange a arte e a sociedade, as quais exercem influências recíprocas.

Os pressupostos de Candido (2000) nortearam a condução deste trabalho. Outros autores relevantes foram Albuquerque (2007), Goudier (2013) e Odum (2004), para destacar questões relativas à narrativa e à relevância do tema abordado, enquanto os

apontamentos de Faria (2004) e Farina, Perez e Bastos (2008) permitiram discutir a associação texto/imagem e seus efeitos de sentido na obra.

#### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro “A história do João-de-barro”, publicado em 2010, foi escrito e ilustrado por Priscilla de Paula, artista plástica e professora da UFJF, na faculdade de Artes e Design. Na capa da obra consta a seguinte informação: “Uma história de Vovó Querida, ilustrada por sua neta Priscilla de Paula”. O contato dessa autora com a história na infância fundamentou a criação do livro, bem como seu posicionamento.

A Literatura Infantil incorporou várias histórias e narrativas tradicionais, de natureza fantasiosa, que a princípio eram transmitidas oralmente entre gerações (FARIA, 2004). Praticamente todas as histórias de adultos que se tornaram clássicos infantis nasceram no meio popular. Assim, “antes de se perpetuarem como Literatura Infantil, foram literatura popular” (COELHO, 1991, p. 36). A transcrição das histórias disseminadas em meio oral para a escrita é uma característica verificada, sobretudo, a partir do início do estabelecimento do gênero e que persiste até hoje, sendo um exemplo o livro selecionado.

Outro aspecto relevante a se analisar é o público ao qual se destina a obra. Para Silva, Araujo e Piassi (2014, p. 5), a “Literatura Infantil, como qualquer outra obra literária, apresenta em seu discurso estratégias para provocarem a identificação com o leitor”. Isso resulta numa infinidade de livros infantis, de variados modelos, cores, estilos (LAMBERTUCCI, 2015), elementos que devem ser utilizados de forma a despertarem o interesse de seu leitor e cumprirem o propósito para o qual a obra se propõe.

Para Coelho (1991, p. 28), a classificação dos leitores infantis deve ser baseada “não apenas em sua faixa etária, mas principalmente na inter-relação existente entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura”. Seguindo esta linha de pensamento, o autor estabeleceu cinco categorias, relacionadas ao nível de compreensão da leitura: pré-leitor; leitor iniciante; leitor-em-processo; leitor fluente; leitor crítico.

A obra “A história do João-de-barro” seria mais apropriada para a categoria do leitor-em-processo. Segundo Coelho (1991), nessa fase, a criança apresenta certo domínio do mecanismo de leitura, possui interesse por desafios e quaisquer tipos de questionamentos. Entre as características gerais que as obras devem apresentar, nas quais se enquadra “A história do João-de-barro”, encontram-se: comunicação das imagens com o texto; o texto verbal é constituído por frases simples, em ordem direta e de comunicação imediata e objetiva; desenvolvimento da narrativa em torno de uma situação central, um problema, que deve ser resolvido até o fim; os momentos

narrativos seguem um esquema linear de início, meio e fim.

O público é responsável por atribuir sentido e realidade à obra, sendo o elemento de ligação do autor e de sua própria obra (CANDIDO, 2000). Durante a criação da história infantil, deve-se considerar as particularidades de seu leitor/receptor, para assegurar a sua compreensão. Quando for desenvolvida de acordo com seu público, maiores serão as chances de a obra alcançar os objetivos a que se propõe. Toda leitura realizada em concordância com a essência da narrativa conduzirá o leitor a perceber e se conscientizar acerca do mundo a sua volta. Segundo Coelho (1991, p. 45-46, grifo do autor),

Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de idéias (sic), padrões, ou valores que é inerente ao fenômeno literário, e que através dos tempos tem servido a humanidade engajada no infindável processo de evolução que a faz avançar sempre e sempre [...] No **ato da leitura**, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência-de-mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso a dinamizá-lo no sentido de certa transformação...). Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a **leitura** consiga estabelecer uma relação essencial entre o **sujeito** que lê e o **objeto** que é o livro lido.

Para atingir sua premissa de sensibilização ambiental, bem como atender ao público a que se destina, considera-se adequada a configuração da obra “A história do João-de-barro”. A preocupação com o meio ambiente é despertada no leitor, sobretudo, a partir da destruição da floresta onde o João-de-barro morava. O pássaro se vê obrigado a procurar outro lugar para viver com sua família, frente à ameaça a que estavam expostos.

Apesar de ficcional, o enredo apresenta uma trama bastante verossímil, já que traz à tona questões socioambientais. O livro de Priscilla de Paula leva o leitor a refletir sobre algumas consequências da retirada da cobertura vegetal de forma desordenada e sem sua posterior reposição, tais como a redução da biodiversidade, empobrecimento do solo e também sua exposição a fatores erosivos.

O pássaro João-de-barro tem sido cada vez mais encontrado em ambiente urbano devido à alteração de seu habitat natural, que são os campos – inclusive, o desmatamento figura como uma das principais causas disso. Apesar de o João-de-barro ser uma espécie bem adaptada para viver em zonas urbanas e de não se incomodar com a presença humana, no livro, o narrador do texto afirma que o pássaro ficou tão chocado e assustado com a interferência do homem no meio ambiente que chega a comparar a gravidade da situação ao apocalipse.

Diante da interação complexa entre os seres vivos e o meio ambiente, a adição ou retirada de algum de seus constituintes pode acarretar uma miríade de repercussões sucessivas ao longo de todo o ecossistema, afetando seu funcionamento (ALBUQUERQUE, 2007; GOUDIER, 2013; KRAEMER; MARTINS, 2004). Neste sentido, o livro permite algumas problematizações: a diminuição no número de árvores

desencadeia declínios populacionais de inúmeras espécies de aves, e isso não só interfere na sobrevivência de diversos outros animais que as possuem como fonte de alimento, como leva à diminuição das taxas de polinização e dispersão de sementes de várias espécies arbóreas.

A degradação ambiental tem sido causada em um ritmo muito acelerado, sem respeitar a dinâmica de transformação da natureza, nem seu tempo de reabastecimento. “A relação homem/natureza é, antes de tudo, uma relação do homem com ele mesmo, que age na natureza a partir de sua vontade e de seus planos” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 36).

Sendo a ação antrópica uma das principais causas do desequilíbrio ecológico vivenciado hoje e que ameaça a vida de inúmeras espécies (incluindo quem a realiza: o ser humano), observa-se a necessidade de repensar a relação com o meio ambiente. O homem procura compreender o seu meio desde que surgiu e, hoje, mais do que nunca, a humanidade necessita apresentar

um conhecimento inteligente do ambiente em que vive, condição de sobrevivência da nossa complexa civilização, uma vez que as <<leis da natureza>> fundamentais não foram revogadas; apenas a sua natureza aparente e as relações quantitativas se foram alterando à medida que a população humana foi aumentando e se expandiu o poder do homem para alterar o ambiente (ODUM, 2004, p. 3).

O livro também apresenta a possibilidade de uma relação mais harmoniosa entre homem e natureza, que atende os preceitos da conservação do meio ambiente, que preza que o desenvolvimento e o uso dos recursos naturais sejam planejados a partir de leis ecológicas e humanas. Não significa completa restrição do uso, mas limitá-lo para apenas o necessário, ao invés do uso de forma indiscriminada tal como é hoje (ODUM, 2004).

Para abordagem da temática ambiental, Priscilla de Paula aproveita as potencialidades da associação do texto e da imagem. A presença destas duas linguagens é comum na maioria das histórias infantis. De um modo geral, a associação entre os planos de expressão e de conteúdo visual e verbal torna as histórias mais atrativas, auxilia o processo de leitura e possibilita uma maior eficácia da assimilação conceitual das informações contidas no texto e na imagem. Essa associação também origina um novo tipo de comunicação, no qual estes códigos compõem um único signo, aumentando o entendimento de significados. Dessa maneira, forma-se um sistema dinâmico e representativo da realidade que, além de oferecer uma inclusão e participação durante a leitura da sua história, leva a múltiplas percepções e interpretações por seu enunciatário. Segundo Costa (2008, p. 28),

para quem não domina o alfabeto, a imagem permite manter o contato com o mundo e com a produção de sentidos. Seria, entretanto, minimizar o poder da imagem, tomá-la apenas no sentido informativo e preenchedor de lacunas culturais. A linguagem visual, tal como a verbal, possui sua estrutura própria, que



a constitui como um todo orgânico, capaz de servir de instrumento de transmissão da herança cultural e de criação artística. Há, porém, na relação texto-imagem limites permanentes: nem a palavra consegue substituir a imagem, por mais que tente descrevê-la, nem a imagem é capaz de reproduzir a sonoridade da palavra e a multiplicidade de sentidos que ela é capaz de evocar. Mas, respeitando as respectivas idiossincrasias, texto e imagem podem somar-se e ampliar os sentidos das mensagens.

Vasconcelos (2014) ressalta que a articulação das linguagens visual e verbal de forma a estabelecer um todo equilibrado é uma condição indispensável para a história comunicar e ser compreendida por seus leitores. As duas linguagens cooperam para a construção da narrativa e devem ser compreendidas em conjunto. A criança, ao ler um texto desse tipo, deve ser um leitor competente intersemioticamente, associando os assuntos disseminados por estes dois códigos (ABRAMOVICH, 1991).

Na obra em análise o texto verbal trata-se de uma narrativa curta, portanto, um conto, que tem como característica central a apresentação de um conflito, localizado no tempo e no espaço e reduzido número de personagens. O uso recorrente do grau diminutivo e ricas descrições adjetivadas denotam o envolvimento do narrador com a história, remontando à própria genealogia desta obra, que tem origem nas narrativas carinhosas da avó da autora, o que faz desta obra também um texto memorialístico.

O texto é narrado em terceira pessoa e seu narrador é onisciente, pois sabe todos os sentimentos do João-de-barro. Este narrador dispõe uma lente participativa ao leitor, que pode interagir as emoções do personagem principal. Para Santos e Oliveira (2001, p. 5), o narrador onisciente é privilegiado por saber o que se passa no íntimo das personagens, caracterizando-se por ter uma “visão por detrás da trama”. O envolvimento do narrador com o personagem perpassa todo texto, por meio da modalização do discurso.

O personagem principal encerra em si lições da moral cristã e burguesa, como a dedicação ao trabalho e à família. A presença de sua companheira, Dona Joana, marca o espaço do diálogo do casal, cumprindo mais uma vez a moral burguesa. A modalização discursiva, que aponta para a gradação da decisão, denota a participação e a determinação conjunta.

A aproximação do homem, que é percebida com os barulhos na mata e pela derrubada do jequitibá, constituem o clímax ou ponto da virada da história. A narrativa se encerra com o acolhimento da família do João-de-barro no seio da família de Vovó, sendo reestabelecido o equilíbrio familiar e natural naquele novo espaço.

A narrativa se desenvolve em dois espaços diferentes, importantes para o desenvolvimento da trama. De acordo com Borges Filho (2008, p. 1), o espaço abrange “tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações”, sendo possível que desempenhe inúmeras funções. Na obra em questão, o espaço tanto permite que o personagem desenvolva sua ação, como também o influencia a tomar atitudes. Assim, o pássaro seguia sua vida normalmente até a interferência do homem impedir que concluísse suas atividades rotineiras. Outra

função é a de representar os sentimentos vividos pelos personagens, existindo uma analogia entre o espaço no qual o personagem está presente e o sentimento que apresenta. Na representação do espaço, também é possível observar gradações ficcionais, havendo em diferentes níveis de concordância com a realidade. No livro o espaço contém elementos presentes na vida real, tal como o sítio com árvores frutíferas, no qual vivia uma vovó.

Em “A história do João-de-barro”, as linguagens verbal e visual surtem um maior efeito em conjunto, pois isto enriquece e expande o campo de reflexão sobre a temática abordada. As ilustrações representam um aliado eficiente para transmitir a mensagem da obra, captando os principais momentos da narrativa. São cruciais para suscitar emoções e mostrar valores, de uma forma que o texto escrito sozinho não conseguiria. Para Piertroforte (2007), muitos significados intrínsecos são revelados ao se destrinchar a construção de imagens diversas. A leitura visual pode ser tão rica quanto a leitura verbal, quando bem fundamentada. Juntas, elas mostram as estratégias de construção da obra e dizem sobre os discursos que ali se cruzam.

Um dos artifícios usados por Priscilla de Paula foi aproveitar o potencial emotivo e evocativo das cores para a polarização de sentido, usando-as para transmitir sensações positivas e negativas.

As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos e pode atuar como estimulante ou perturbador na emoção, na consciência e em nossos impulsos e desejos muitos significados intrínsecos são revelados (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2008, p. 2).

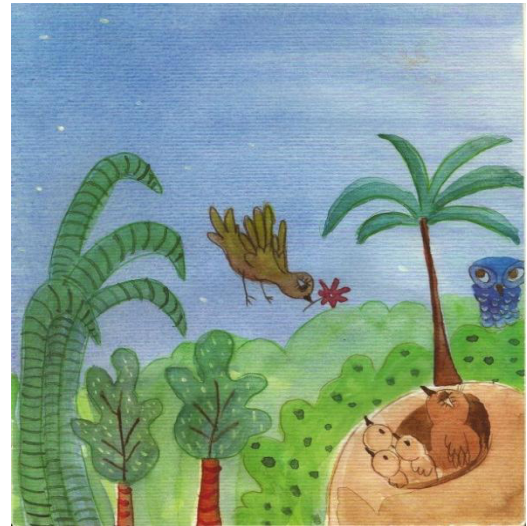
Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de **impressionar**, a de **expressar** e a de **construir**. A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma idéia (sic) (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2008, p. 13, grifo do autor).

Na primeira parte do livro, enquanto o ambiente permanece tranquilo e segue seu ritmo natural (Figura 1), predominam as cores: verde, sugere calma, esperança, equilíbrio, paz, tranquilidade, segurança, serenidade, suavidade; azul, transmite harmonia, paz, serenidade. Quando o pássaro retorna para seu ninho à noite (Figura 2), o uso de cores e tons escuros mantém a mesma sensação de serenidade, pois prevalece o azul-escuro, cor que remete à ideia de acolhimento, recolhimento, descanso, segurança.



**Figura 1** - Apresentação do pássaro e de seu ninho.

Fonte: PAULA, 2010.

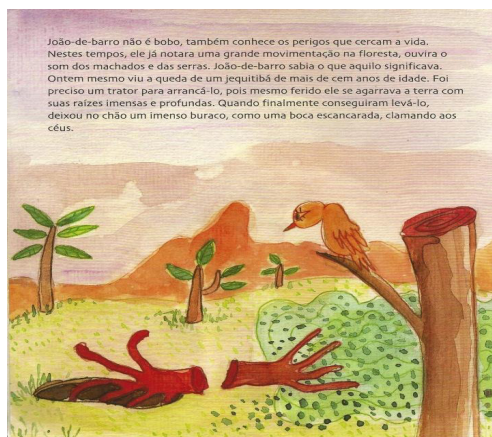


**Figura 2** - Momento em que o pássaro retorna ao lar.

Fonte: PAULA, 2010.

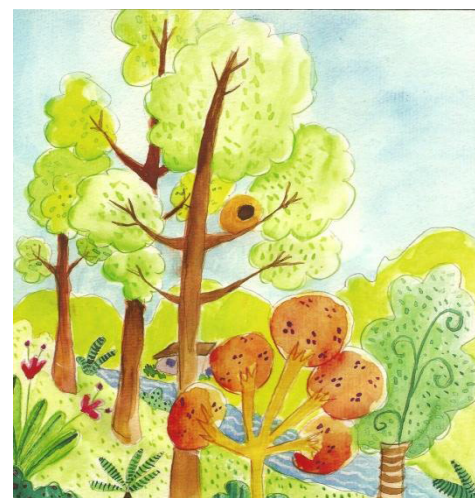
No momento da queda do jequitibá (Figura 3), há uma mudança mais enfática das cores: o céu assume uma coloração violeta, que transmite a sensação de violência e agressão, sendo uma cor que se associa materialmente a enterro; as montanhas apresentam cor laranja, que sugere perigo, agressão, dominação, advertência; no tronco de jequitibá caído são usados tons avermelhados que se assemelham à sangria, remetem à ferida e morte, e o uso desta cor chama a atenção para o elemento no qual é usada, além de passar a sensação de perigo e violência.

No novo local onde o pássaro constrói seu ninho as cenas são retratadas com várias cores (Figura 4), predominando cores verdes e azuis, em tons mais vibrantes que o início da história, e que remetem a bem-estar e tranquilidade. Quando a avó se aproxima com o facão (Figura 5), continua o uso das mesmas cores, um possível indício de que não ocorrerá o mesmo que foi visto com a queda do jequitibá.



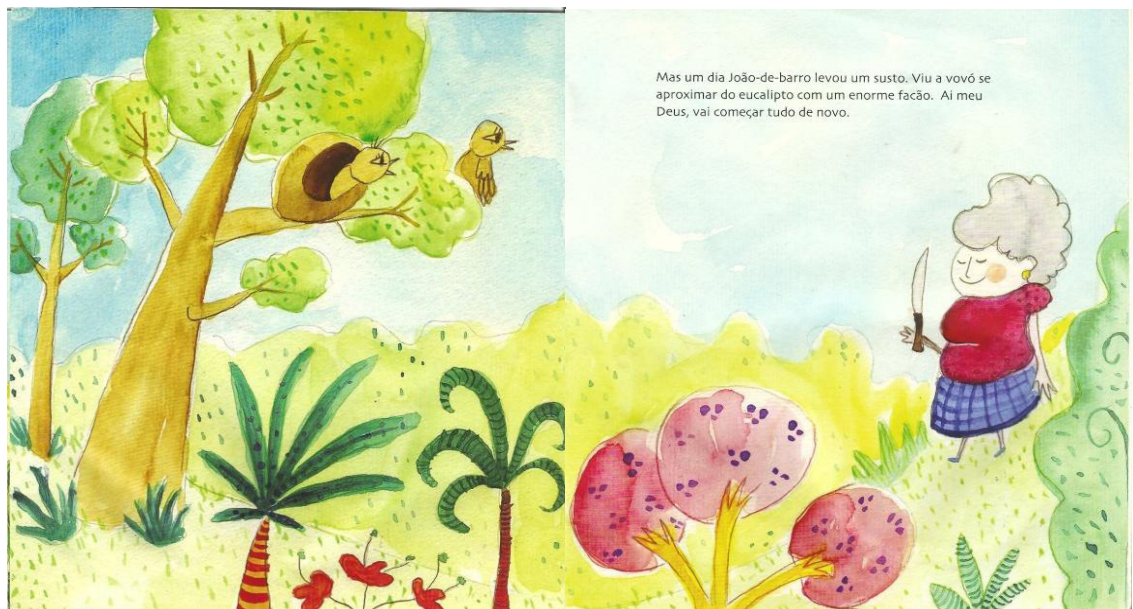
**Figura 3** – João-de-barro observa o jequitibá após ser derrubado.

Fonte: PAULA, 2010.



**Figura 4** – Local do novo ninho dos pássaros.

Fonte: PAULA, 2010

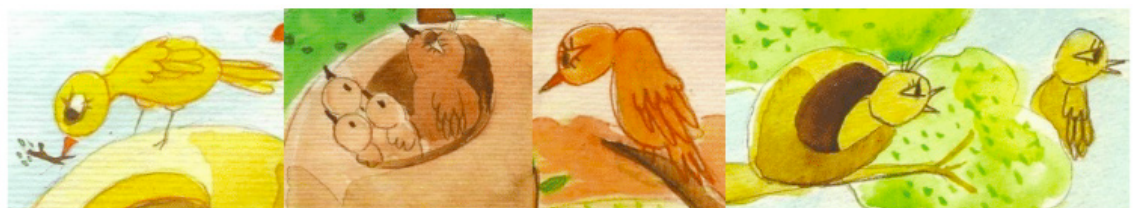


**Figura 5** - Casal de pássaros observa apreensivo a aproximação da Vovó com o facão.

Fonte: PAULA, 2010.

Outro aspecto a se ressaltar foi o uso da técnica de aquarela para desenvolver as ilustrações. Estas apresentam um traçado bem definido, sendo que a inclusão de cores ultrapassa um pouco os contornos. Como resultado disto, as imagens transmitem infantilidade, como se a autora tivesse feito os desenhos em sua infância.

Lambertucci (2015) também destaca que geralmente é através das ilustrações que a emoção do personagem é demonstrada. No livro isto pode ser observado, sobretudo a partir dos olhos do João-de-barro e da Dona Joana (Figura 6): parecem olhos humanos, apresentam cílios e são expressivos. Isso não é verificado em outros pássaros ou até mesmo nos próprios filhotes do casal – os olhos da coruja também se destacam, mas isso já é algo presente na vida real.



**Figura 6** - Representações do olhar de João-de-Barro, Dona Joana e seus filhotes, em diferentes momentos da história.

Fonte: PAULA, 2010.

Em histórias infantis é comum a associação de algumas características humanas aos animais, técnica denominada de antropomorfização. Para Silva, Araujo e Piassi (2014, p. 3):

O livro infantil, considerado como obra literária, é formado por um texto, escrito e ilustrativo, com elementos estéticos que compreendem os processos de estruturação

de um discurso e ao mesmo tempo, formado por um contexto, que abrangem elementos sociais podendo ser construídos por ideologias metaforicamente representadas pelos personagens descritos pelos próprios elementos estéticos. Ao transpor esta ideia para as obras infantis com animais como personagens, podem-se destacar essas representações metafóricas na forma como o animal é figurado, seja por sua relação antropomórfica direta ou por sua condição de animal biológico no meio social, entre outras possíveis representações.

Com isso, parece que o casal que tem olhos diferentes é que realmente transmite suas sensações. Este elemento pode ser um índice figurativo da presença do narrador onisciente. Também é possível até inferir sobre a necessidade de um novo olhar do homem perante o meio ambiente.

Em suma, a articulação entre os textos verbal e visual concorrem para a compreensão da temática abordada e tem potencial para a promoção de uma experiência rica para a sensibilização ambiental.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil possibilita um olhar transformador e inaugura novos espaços de reflexão, o que a faz excelente mediadora em ações de Educação Ambiental. As histórias infantis servem como ponto de partida ou complemento para a problematização das relações entre o homem e a natureza.

Permeada por tradições orais e memórias fundadas na subjetividade, o livro “A história do João-de-barro” é capaz de sensibilizar o público infantil em relação aos modos de pensar e agir sobre o meio ambiente. Além de alertar sobre os efeitos negativos do desmatamento, principal Os efeitos negativos do desmatamento representa A principal questão ambiental abordada na obra é a relação dos seres vivos com o seu meio. O texto literário é simples e possui uma linguagem apropriada ao público a que se destina. O texto imagético também é simples em seu traço, entretanto apresenta-se elaborado em relação à paleta de cores, que se transforma em consonância com o sentimento do personagem principal.

Enquanto metodologia alternativa de EA, após sua análise, esta obra mostrou-se adequada. As linguagens verbal e visual enriquecem a possibilidade de seu uso para a sensibilização ambiental e emprego como subsídio para praticar diferentes correntes da EA. Além de conter temas atuais, fonte de debates e reflexões, viabiliza diversos diálogos, tanto com a sociedade, quanto com a memória, com a cultura popular e com a EA

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ALBUQUERQUE, B. P. **As relações entre o homem e a natureza e a crise sócio-ambiental**.

Monografia. Rio de Janeiro, RJ: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), 2007.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha: 2000.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: Formação do Sujeito Ecológico**. 2ª ed. São Paulo Cortez, 2006.

COELHO, N. C. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, N. N.; SANTANA, J. S. L. A Educação Ambiental na Literatura Infantil como Formadora de Consciência de Mundo. In: TRABJER, R.; MANZOCHI, L. H. **Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais impressos**. São Paulo: Gaia, 1996. p. 59-76.

CORRÊA, C. A.; OLIVEIRA, S. C. A.; CRUZ, R. C. Música e Educação Ambiental em uma Escola do Campo localizada no município de São Gabriel - RS: Uma forma interdisciplinar de significar a realidade complexa. **REMOA**, v. 14, p.03-17, 2015.

COSTA, M. M. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008. 116 p.

DOMINGUES, T. C. A.; FREITAS, M. Reflexões sobre a literatura engajada. In: DOMINGUES, T. C. A.; REDMOND, W. V. **A Literatura infanto-juvenil brasileira na contemporaneidade**. Juiz de Fora: Associada Ltda, 2012.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. (Coleção Como usar na sala de aula).

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006. 101 p.

FIGUEIRA, J. A.; CAMPOS, M. J. O; SANTANA, J. L. O Livro Infantil como Instrumento para a Educação Ambiental: Leitura e Análise. **Revista Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, v. 9, n. 16, 16 p., 2001.

GOUDIE, A. S. **The Human Impact on the Natural Environment: Past, Present and Future**. 7ª ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

GRZEBIELUKA, D.; KUBIAK, I.; SCHILLER, A. M. Educação Ambiental: A importância deste debate na Educação Infantil. **REMOA**, v. 13, n. 5, dez. 2014, p.3881-3906.

HETZEL, B. PGM5 - Literatura, Meio Ambiente e Saúde. In: SERRA, E. (Orgs). **Literatura e Temas Transversais: Boletim do Salto para o futuro – TV Escola**. Brasília: Secretaria de Educação a distância - Ministério da Educação, 2001.

LAMBERTUCCI, A. M. **LITERATURA INFANTIL: Para crianças de 0 a 3 anos**. 2015. 62 f. Monografia (Licenciatura em Artes Plásticas) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: Loureiro, C.F.B.; Layrargues, p. P. & Castro, R.C. De (Orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez. p. 72-103. 2006.

ODUM, E. P. **Fundamentos da Ecologia**. 6ª ed. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

PAULA, P. **A história do João-de-barro**. [S.l.: s.n.], 2010.

PIETROFORTE, A. V. **Análise do texto visual: construção da imagem**. São Paulo: Contexto, 2007.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SILVA, T. P.; ARAUJO, P. T.; PIASSI, L. P. C. Animais na literatura infantil: uma leitura reflexiva nas séries iniciais. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2014, Espírito Santo. **Anais...** Espírito Santo: USP, 2014. p. 1-15. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/eguE8>>. Acesso em: 15 out. 2016.

TAVARES, C. E. V. **O ambiente no mundo das letras para as crianças**. 2010. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

ZILBERMAN, R. **Literatura infantil e ensino**. São Paulo: Cortez, 1990.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-071-1

